

## Métodos da Filologia Românica

- A Filologia Românica dispõe de vários métodos que auxiliam o pesquisador de acordo com o objeto de seu estudo. Dentre os métodos abordados a seguir, serão destacados aqueles que fizeram desenvolver a Filologia Românica entre o século XIX e primórdios do XX. Esse período compreende:
  - O Método **Histórico-Comparativo** baseia-se na comparação das línguas para determinar as formas mais antigas de onde teriam provindo e, para descobrir suas mudanças regulares típicas. Friedrich Diez, séc. XIX, a exemplo do que fizeram Franz Bopp e Ramus Rask no estudo das línguas indo-européias e como fez Jakob Grimm no ramo das línguas germânicas, aplicou o método ao domínio neolatino e logrou muito sucesso. Um dos mais importantes resultados do método foi a comparação de um grupo de línguas com mesma origem com o fim de reconduzi-las a um passado comum, cujas fases ou diferenciações, ao longo do tempo, deixaram marcas que podem ser determinadas. Diez, dessa forma, confirmou que havia entre o latim e as línguas românicas uma relação de parentesco como por exemplo, a do indo-europeu com o latim, o sânscrito, o grego; Diez também, ao aplicar esse método dos indo-europeístas, postulou a tese de as línguas românicas originarem-se da variedade do latim vulgar, retomando o que Dante Alighieri, séc. XIV, havia postulado em seu tratado *De Vulgari Eloquentia*. Contrariou, dessa forma, o seu precursor François Raynouard, que defendera a tese de que as línguas românicas se originaram do antigo provençal.
1. Ainda no séc. XIX, Meyer-Lübke incorporou ao método histórico-comparativo os princípios adotados pelos neogramáticos, deu muita importância aos estudos fonéticos no estudo das línguas como também favoreceu o estudo dos dialetos. Deixou obras importantes para o estudo da Românica, entre elas o Dicionário Etimológico das Línguas Românicas.
  2. O método histórico-comparativo mostra-se particularmente produtivo nos estudos fonético, morfológico, na formação de palavras e de reconstituição do léxico, entretanto não nos esqueçamos que essa reconstrução nunca será a composição fiel do latim popular.
  3. Veja-se a aplicação do método, por exemplo, na reconstituição do léxico do latim vulgar. As formas românicas, a saber, port. *passar*, gal., cast., prov. *pasar*, it. e log. *passare*, fr. e engad *passer*, friul. *pasá*, cuja provável forma latina *\*passare* ( Viaro, 2004: 93 ), não se registra no latim literário, entretanto, a partir das ocorrências nas línguas românicas, pode-se postular a sua existência no latim vulgar
- O séc. XX, inovou ao incorporar à Filologia Românica, o método Idealista. A escola Idealista vê na linguagem a expressão de diferentes formas individuais do homem, tais como se desenvolveram através de épocas sucessivas da história. (VER AUERBACH 33 ). Essa concepção idealista da linguagem teve em Karl Vossler, a partir de 1904, a sua maior expressão. Para o referido autor as mudanças lingüísticas só se realizam imbuídas pelas criações do espírito. ( apud Vidos, 1996, 95). As concepções de seus estudos procedem dos idealistas Gian Battista Vico, Wilhelm von Humboldt e Benedetto Croce. Vossler em seus estudos lingüísticos privilegiou apenas um aspecto da linguagem, a *parole* (fala), como expressão criadora do indivíduo. Foi Walter von Wartburg na obra *Évolution et structure de la langue française* quem associou aos estudos lingüísticos do método idealista os aspectos da *parole* (fala) e da *langue* ( língua). Ao contrário de Vossler, parte da língua para determinar as manifestações coletivas e individuais de uma determinada sociedade. (Vidos, 1996, 97).
1. Observem a partir do seguinte exemplo, as idéias de Vossler ( Vidos, 1996, 96). O emprego do partitivo francês *du*, como em *du vin, du berre*, era raro em francês antigo, até o séc. XIII, denuncia, segundo Vossler, um espírito mercantilista e calculista, presentes no espírito da França medieval dos sécs. XIV e XV. Curiosamente, esse partitivo registra-se em italiano antigo *fu dato d'un bonissimo vino*. No catelhano mod.unos huevos, *unas cartas* e no romeno mod. *niste* (pto embaixo do s) *lapte* ( um pouco de leite ) encontra-se não propriamente o partitivo mas a idéia de partição. Pelos estudos históricos, postulou-se que essa forma é proveniente do latim medieval *bibere de aqua*, pois no latim clássico era *\*bibere aquam*. Comprove-se com o sardo que utiliza o partitivo sem artigo, *ábba vriska, de bínu*.
- O método da **Geografia Lingüística**, segundo Tagliavini (1982:23), ensejou aos estudos da romanística, o início dos estudos dialetológicos como disciplina científica, presentes nas idéias de Ascoli nos *Saggi Ladini* (Ensaio Ladinos). O mérito está em se perseguir um estágio de língua, de manifestação oral. Como já explicitado, situa-se no campo da Dialetologia que trata das variantes geográficas de uma língua, procurando estabelecer os traços lingüísticos mais característicos de cada uma delas e a sua distribuição espacial, levantando dados por meios de questionários e pesquisas de campo, que posteriormente são transformados em mapas. Esses estudos propiciaram o surgimento de inúmeros Atlas Lingüísticos. Foi Jules Gilliéron quem idealizou e realizou o primeiro atlas lingüístico moderno, o *Atlas Linguistique de la France* (1902-1912) e o apresentou em forma de mapas. As contribuições do método para os estudos de Romanística foram de extrema valia, pois acusa a língua

na sua modalidade oral e apresenta “a vida contemporânea da língua” (Vidos, 1996:71); além de ressaltar a importância da semântica, ao lado da cultura e da história para a comunicação humana, Gilléron confirmou a posição de Schuchard ( apud Iordan, 1962, 253) “de que a língua é um ‘*Kontinuum*’ e de que não existem línguas isoladas ( formas lingüísticas puras)”.

1. Para demonstrar a Geografia Lingüística, observem-se em Gilliéron (apud Iordan, 1962, 219 )para se eliminar os homônimos, a língua se vale de diferentes meios, por exemplo, a eliminação de um dos vocábulos. Comparem-se na palavra *moisson*, que significava no feminino *la moisson* ( colheita ) e no masculino *le moisson* ( pardal ). O feminino de pardal, entretanto era *la moisson*, forma coincidente com colheita. A região onde se falava *moisson* ( pardal ) desfez a homonímia: desapareceu a palavra *moisson*( pardal) substituindo-a por *moineau*.
  2. Outro exemplo (apud Bassetto, 2001, 72)de substituição para a ocorrência de palavras homônimas em francês entre *moudre* ( ordenhar), resultado da evolução fonética do lat. *mulgere* e *moudre* ( moer) < lat. *molere*. Para se desfazer a homonímia entre vocábulos muito usados no cotidiano dos camponeses, a forma para ordenhar foi substituída para *traire*, *tirer*, *ajuster* entre outras expressões.
- Denomina-se *Wörter und Sachen* ( Palavras e Coisas ) uma corrente lingüística que reagiu contra o domínio da Fonética, privilegiados pelos estudos neogramáticos, e a investigação semântica, explorados pela Geografia Lingüística. As bases de *Wörter und Sachen* consideram que as coisas precedem as suas denominações; salientando que há uma estreita relação entre as coisas e as palavras que as denominam. Essa corrente, fundada em 1909, tem como defensores Schuchardt e Meringer, que defendem que se chega ao verdadeiro étimo de uma palavra por um estudo profundo da realidade que a palavra designa e dos conhecimentos que a circundam. O foco primeiro é a coisa (real ou irreal) para depois se preocupar com a palavra.
1. Para ilustrar essa corrente, observem os termos românicos originados do lat. *\*ficatum*: port. e gal. *fígado*, cast. *hígado*, cat. *fedge*, prov. *fedge*, fr. ant. *firie*, fr. mod. *foie*, friul. *fiât*, eng. *fio*, it. *fegato*, vegl. *fetge*, rom. *ficat* ( REW §8494). Intrigava os linguistas o fato do termo correspondente no latim para fígado ser *iecur*, donde não se originariam foneticamente as palavras românicas. A conclusão a que se chegou é que ao se averiguar a “coisa” chegou-se à etimologia da palavra: era o fígado dos porcos e gansos, engordados com figos, uma iguaria mto apreciada pelos gregos, daí a denominação *HĒPAR + SYKŌTŌN* ( < *SÝKON* ‘figo’), ou *SYKŌTŌN*, isto é fígado de animal engordado com figos. Os romanos apreciaram essa iguaria e a importaram e deram-lhe o nome *FICATUM*, com base no lat. *ficus* ‘figo’.
  2. Para ilustrar a aplicação do método veja-se no estudo da palavra em romeno *dédita*(, uma flor silvestre, que segundo ( Iordan, 1962, 102 ) deriva do eslavo *dědu*( ( velho avô ), a explicação que o autor deu é de que essa flor, segundo a etimologia popular, “aparece mais cedo”. O verdadeiro motivo, porém foi dado por Spitzer ( apud Iordan, 1962, 102 ) que explicou que a motivação do nome é pela aparência do seu fruto coberto por uma penugem branca, se parece com a cabeça de um velho.

A Onomasiologia possui estreita afinidades com a *Wörter und Sachen*, assim como com a Geografia Lingüística. Consiste em se estudar as diversas relações lexicais de uma mesma noção dentro uma mesma língua ou entre as suas variantes ou ainda, entre línguas diferentes. Comparem-se as diversas acepções para abelha em francês ( Vidos, 1996, 62): *é, és, a, mouche à miel, avette, mouchette, abeille, aveille, mouche, essaim, essette, ruche*, entre outros. Através dos estudos onomasiológicos emerge a vivência cultural do povo cuja língua se estuda.

- Segundo Vidos ( 1996: 81) a corrente Neolingüística ou Lingüística Espacial decorre da Geografia Lingüística. Segundo Vidos (1996. 81) a Neolingüística reúne os estudos neogramáticos acrescidos dos princípios da Geografia Lingüística, a despeito dos mentores como, por exemplo, Matteo Bartoli, criticarem a postura dos neogramáticos, que privilegiavam sobremaneira as leis fonéticas. Dessa forma, criaram as chamadas *norme areali* (normas areais) que podem ser assim resumidas (Silva Neto, 1946: 104 ) :
1. A ocorrência de duas palavras diferentes em fases cronológicas distintas para o mesmo significado, a forma da área mais afastada costuma ser a mais arcaica.
  2. Uma segunda norma sugere que as formas das regiões periféricas são mais arcaizantes que as encontradas nas regiões centrais.
  3. As regiões de romanização tardia tendem a conservar formas mais antigas, principalmente em relação à região da Itália, região inovadora.

As críticas feitas às referidas normas concernem na rigidez, pois desconsideram as variações lingüísticas.

A partir do exposto, pode-se inferir que os métodos abordados auxiliaram sobremaneira o desenvolvimento da Filologia Românica, que continuou a abrigar novas metodologias.